Revista Latino-Americana de RELAÇÕES INTERNACIONAIS Campos Neutrais
FURG
ARTIGO

# O negacionismo de Jair Bolsonaro como ameaça à democracia brasileira

***Jair Bolsonaro's denialism as a threat to brazilian democracy***

**Augusto Lazzari Fonseca**
**Hemerson Luiz Pase**
**Tiago Rodrigues Barcellos**

**Resumo**

O objetivo deste artigo é compreender como o "negacionismo" presente nos discursos de Jair Bolsonaro contribui com a construção da coesão da extrema direita no Brasil. Os objetivos específicos são conhecer os discursos do ex-presidente da república; identificar os elementos característicos da extrema direita e analisar em que medida o negacionismo é variável estruturante ou instrumental e pragmática do posicionamento político de Bolsonaro. O problema de pesquisa que perseguimos é: qual a relação entre o negacionismo, presente na comunicação de Bolsonaro, e a modelagem da extrema direita no Brasil? Nossa hipótese de trabalho é que o negacionismo é elemento geral e estruturante, bem como instrumental e pragmático, da comunicação do ex-presidente, o que é essencial para construir e manter a coesão e articulação da extrema direita brasileira. A abordagem metodológica deste trabalho é a análise de conteúdo, que nos permite encontrar lógica e regularidade argumentativa nos significados do conteúdo analisado. Concluímos que o negacionismo é uma categoria estrutural e estruturante da narrativa bolsonarista.

**Palavras-chave:** Jair Bolsonaro; Negacionismo; Teologia Política; Democracia; Brasil.

**Abstract**

The objective of this article is to understand how "denialism" present in Jair Bolsonaro's speeches contributes to the construction of the cohesion of the far-right in Brazil. The specific objectives are to understand the speeches of the former president; to identify the characteristic elements of the far-right; and to analyze to what extent denialism is a structuring or instrumental and pragmatic variable in Bolsonaro's political positioning. The research problem we pursue is: what is the relationship between denialism, present in Bolsonaro's communication, and the shaping of the far-right in Brazil? Our working hypothesis is that denialism is a general and structuring element, as well as instrumental and pragmatic, of the former president's communication, which is essential for building and maintaining the cohesion and articulation of the Brazilian far-right. The methodological approach of this work is content analysis, which allows us to find logic and argumentative regularity in the meanings of the analyzed content. We conclude that denialism is a structural and structuring category of the Bolsonarista narrative.

**Keywords:** Jair Bolsonaro; Denialism; Political Theology; Democracy; Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

"Bolsonaro 'nega' tudo que faz parte do 'sistema', que, por sua vez, engloba todas as instituições: a mídia, a ciência e a tecnologia, a política e assim por diante" (Nobre, 2022, p.

179) - essa é uma passagem de um recente livro de Marcos Nobre, intitulado "Limites da Democracia", que resume bem a percepção deste autor, e provavelmente de boa parte da população brasileira, a respeito do ex-presidente da República. O que o presente texto busca inferir é como, concretamente, esse posicionamento político aparece nos discursos mais "cotidianos" de Bolsonaro (suas "*lives*" publicadas no *Facebook* e no *YouTube*).

Durante seu período como chefe do Executivo, Bolsonaro teve diversos atritos com a mídia, no que ficou famoso como o "cercadinho" (Porto, 2022; ABRAJI, 2020) - um espaço no Palácio da Alvorada utilizado por seus apoiadores para se comunicar com o ex-presidente -, que fizeram com que Bolsonaro passasse a concentrar seus pronunciamentos nas "*lives* da semana", transmitidas em redes sociais, como o *Facebook* e o *YouTube*. Esses comunicados adquiriram tons mais informais, servindo, todavia, como uma das principais formas de *accountability* do ex-presidente com seu núcleo de eleitores mais fiéis.

O objetivo deste artigo é compreender como o "negacionismo" (Nobre, 2022, p. 179) presente nos discursos de Jair Bolsonaro contribui com a construção da coesão da extrema direita no Brasil. Os objetivos específicos são conhecer os discursos do ex-presidente da república; identificar os elementos característicos da extrema direita e analisar em que medida o negacionismo é variável estruturante ou instrumental e pragmática do posicionamento político de Bolsonaro.

O problema de pesquisa que perseguimos é: qual a relação entre o negacionismo, presente na comunicação de Bolsonaro, e a modelagem da extrema direita no Brasil? Nossa hipótese de trabalho é que o negacionismo é elemento geral e estruturante, bem como instrumental e pragmático, da comunicação do ex-presidente, o que é essencial para construir e manter a coesão e articulação da extrema direita brasileira.

A abordagem metodológica deste trabalho é a análise de conteúdo que, segundo os ensinamentos de Laurence Bardin (1977), nos permite encontrar lógica e regularidade argumentativa nos significados do conteúdo analisado.

A pesquisa foi realizada nas "*lives* da semana", transmitidas em redes sociais, como o *Facebook* e o *YouTube.* A pré-análise e exploração do material foi exaustiva, já que implicou na assistência todas as *lives* semanais do ex-Presidente. A partir daí definimos as seguintes categorias de análise e variáveis:

**Quadro 1 -** Produções pesquisadas

| | Categoria | Variável |
|---|---|---|
| 1 | Democracia | Defesa da democracia x Apoio à ditadura militar |
| 2 | Sistema político | Da (elite) política x O*utsider* |
| 3 | Sistema eleitoral | Eleições livres e limpas x Fraude eleitoral / desconfiança nas urnas eletrônicas |
| 4 | Bem comum | Regulação das *big techs*: apoio x contrariedade |
| 5 | Negacionismo | Vacinação: apoio x desestímulo |

Fonte: *Lives* da quinta-feira do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Em que pese a metodologia não exija a busca da representatividade, optamos pela aleatoriedade por sorteio de uma *live* por ano como fonte de informação. Os programas sorteados e analisados à luz das variáveis expostas no quadro 1 foram em: 02 de maio de 2019, 28 de maio de 2020, 25 de março de 2021 e 2 de junho de 2022.

O artigo está dividido em três seções, para além da introdução e da conclusão: a primeira, que aborda a forma como uma "teologia política" foi construída em torno de Bolsonaro; a segunda, que traz como essa mobilização é feita para o avanço dos planos políticos do ex-presidente, em conjunto com seu "núcleo forte" de apoiadores; e a terceira, que se debruça sobre o conteúdo discursivo e o "negacionismo" presentes na sua retórica.

## 2 A CONTRUÇÃO DO "MITO"

Compreendemos o conceito de teologia política sob a ótica de Andrew Arato (que, por sua vez, cita Carl Schmitt como referência), como uma forma de "secularizar conceitos religiosos para teoria e prática política" (Arato, 2013, p. 143, tradução nossa). Através dessa lente tentaremos entender as mensagens do presidente Jair Messias Bolsonaro e como elas contribuem no sentido de gerar uma mitologia em torno deste personagem.

Esta teoria tem uma aplicabilidade interessante e curiosa para Bolsonaro, que, de um lado, envolve sistematicamente a sua mensagem no discurso religioso e, de outro lado, tem como segundo nome "Messias". Além disso, como veremos, foi apelidado pelos fiéis seguidores como "mito".

O primeiro momento que interessa para o presente texto está na "*live*" de 2019, transmitida no estado de Santa Catarina (SC), em que Bolsonaro está sentado ao lado de Luciano Hang, presidente das Lojas Havan e apoiador do governo, e de General Heleno, à época Ministro chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República. Esse pronunciamento é relevante, pois, logo no início do vídeo, Bolsonaro diz (enquanto recorda o período de campanha presidencial de 2018): "Ano passado estive aqui nesse encontro, pedi o apoio deles [empresariado de SC] né, orações, o apoio não foi político naquela época, mas apoio com aquela intenção que tinha de ajudar a mudar o Brasil" (Bolsonaro, 2019).

A lógica presente nessa fala, de que ajudar o ex-presidente seria ajudar a mudar o Brasil, seria cotidiana da esfera de operação da política se não fosse pelo complemento de que esse apoio não foi político. Aqui, Bolsonaro busca, e é algo recorrente em suas falas, alienar-se do meio político, como se sua disputa pelo Brasil extrapolasse o plano dos debates desse campo. O fenômeno que fornece bases a essa colocação de um posicionamento de *outsider* pode ser, justamente, resultado do contexto da década de 2010.

Segundo Pase e Patella (2021), o desgaste gerado a partir de eventos como as "Jornadas de Junho", em 2013, o *impeachment* de Dilma Roussef, em 2016, e a prisão de Lula, em 2018, entre outros, fez com que a ascensão de Bolsonaro estivesse ligada, paradoxalmente, ao seu desprendimento (no discurso, pelo menos) do mundo político.

Já em 2020, em um momento da transmissão em que Bolsonaro costumava ler postagens de toda a sorte a seu respeito, uma em que ele é ameaçado o chama a atenção e ele diz: "[…] a mim já tentaram matar… quanto à minha família, a gente tem preocupação. Sempre tive preocupação e, em especial, depois do atentado [referindo-se à facada que sofreu em Juiz de Fora no dia 06/09/2018]" (TV EXEMPLO, 2020). Novamente, a intenção da narrativa proposta aqui é a de que não só o presidente estaria em perigo constante, o que seria esperado para qualquer indivíduo com um cargo de poder de alto escalão, mas de que isso ocorreria - e poderia voltar a ocorrer -, pois ele seria especial (mesmo entre os presidentes)[1]. A construção da narrativa da conspiração ficará evidente adiante.

[1] O responsável pelo ataque à faca a Bolsonaro, Adélio Bispo, foi internado para tratamento psiquiátrico com diagnóstico de esquizofrenia, e a Polícia Federal concluiu que sua ação foi solitária (CARTA CAPITAL, 2024; e Bezerra, 2026).

Noutra perspectiva, o conceito de "liberdade negativa" de Berlin (1981) é importante, pois distingue a capacidade de o indivíduo de ser livre em duas formas (que serão simplificadas aqui, em grande medida): a positiva, que diz respeito à possibilidade de o sujeito de participar na tomada de decisões da sociedade da qual é integrante; e a negativa, que se refere ao quanto o cidadão pode, dentro do regime em que vive, se contrapor a determinadas medidas de "interferência" a suas escolhas (ou à violação de seus direitos civis, por exemplo). Essa segunda é a que nos parece mais presente nos discursos de Bolsonaro.

Dois exemplos são iluminados sob a lente da proposição de "liberdade negativa" de Berlin. O primeiro ocorre quando, na live do dia 28/05/2020, Bolsonaro, ao falar sobre as propostas de regulamentação das *fake news*, diz que "se você quiser, no meu entender, botar um limite, a gente não sabe até onde vai essa linha do limite… Ela pode vir muito próxima, né, e daí está imposta a censura no Brasil" (TV EXEMPLO, 2020). A questão do controle das mídias sociais acaba tendo uma opinião enviesada por parte do ex-presidente, é bem verdade, pois, como coloca Marcos Nobre, "Bolsonaro ganhou uma eleição com base em *fake news*" (2022, p. 13)". Ainda assim, a lógica presente por trás desse artefato discursivo é simples: desde a campanha, o candidato do Partido Social Liberal (PSL) à presidência usou como palavra de ordem a "liberdade", implícita, contudo, dentro da noção negativa, na forma como Berlin a define.

Os recursos discursivos empregados por Bolsonaro no que se refere às liberdades negativas, além da busca pela oportunidade de se beneficiar das notícias falsas, objetivam rechaçar o sistema democrático de direito, cujo respeito às liberdades individuais é fundamental, desde que, ao mesmo tempo, respeite a coletividade de determinado agrupamento social. Assim, as liberdades (de expressão, ou a de ir e vir) têm limites, dentro de um contrato social de um estado democrático de direito, que não incluem opiniões em favor do nazismo ou o atentado contra as instituições políticas.

A "ultra-valorização" das liberdades negativas por parte do ex-presidente funciona, portanto, como uma extensão da "guerra de todos contra todos", ou da noção de que os mais fortes sobrevivem, pois se o governo (que deve ser o garantidor da vontade coletiva) interferir cada vez menos em conflitos sociais, como no caso dos ambientes virtuais, os que tiverem mais força (seja física ou econômica) sairão sempre vencedores. Vale destacar, contudo, que não

encontramos menções nas *lives* quanto a pedidos por maior participação democrática ou algo associado, o que seria a "liberdade positiva". Isso parece indicar a construção de uma teologia política, que passa por uma atomização da *accountability* e a dissolução da política, e do Estado, como representação da diversidade social, por mais contraditório que isso pareça.

O segundo exemplo segue em caminho semelhante, já que o ex-presidente apresenta medidas implementadas para diminuir o tempo necessário para a abertura de novos empreendimentos:

> O grande trabalho do presidente da República, governadores e prefeitos é não atrapalhar quem quer produzir. Não é ficar criando normas, criando regras, criando obstáculos: é desburocratizar, desregulamentar, ajudar quem realmente quer empreender (OS PINGOS NOS IS, 2022).

A desregulamentação é vista como positiva no sentido de poder dar liberdade aos cidadãos. O mesmo *modus operandi* pode ser visto, portanto, já que Bolsonaro ressalta que o governo está buscando interferir menos nas relações sociais que se desenrolam pelo país. Nesta fala fica muito evidente a primazia da "liberdade negativa" de Berlin, que remete a clássicos do liberalismo político, como Benjamin Constant, John Stuart Mill e Alexis de Tocqueville (1981, p. 165). A defesa da zona de "não-interferência" do governo, que o ex-presidente e seus apoiadores enxergam, é parte importante da teologia política desse grupo, que possui como um dos motes principais a frase "Deus, Pátria, Família e Liberdade", os pilares da extrema-direita brasileira sob Bolsonaro.

## 3 A MOBILIZAÇÃO DA TEOLOGIA POLÍTICA DE BOLSONARO COM SEU "NÚCLEO FORTE" DE APOIADORES

O discurso que articula a teologia política dos apoiadores do ex-presidente é bastante personalizado, colocando ênfase em sua singularidade no cenário político brasileiro e, ao mesmo tempo, utilizando simbologias que os *insiders* do movimento entendem. Como de resto é a retórica da extrema-direita mundial, a de Bolsonaro também é baseada em inverdades, tal como a acusação de fraude eleitoral, seguida da defesa do voto impresso auditável como medida de precaução à suposta fraude.

Para explicar o sucesso da circulação de determinadas argumentações bolsonaristas, faremos um uso pouco ortodoxo da Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth (2003), para

quem existem três formas de reconhecimento entre indivíduos: de amor, de direito e solidário. Esta última é a que nos interessa aqui. Dentro dessa noção, o autor ainda impõe uma série de categorizações, e a que vamos utilizar diz respeito ao

> último tipo de rebaixamento, referindo-se negativamente ao valor social de indivíduos ou grupos; na verdade, é só com essas formas, de certo modo valorativas, de desrespeito, de depreciação de modos de vida individuais ou coletivos, que se alcança a forma de comportamento que a língua corrente designa hoje sobretudo com termos como "ofensa" ou "degradação" (Honneth, 2003, p. 217).

Este conceito nos ajuda a definir como determinados discursos funcionam na uma luta por reconhecimento desse estrato que, até então, se enxergava como excluído. Ou seja, com algumas falas de Bolsonaro, poderemos observar a vitimização que o próprio ex-presidente faz de si mesmo (e de seus apoiadores), ainda que isso não se sustente na realidade, já que sua plataforma de governo beneficia as camadas mais abastadas da sociedade (como o agronegócio), ao passo que os grupos aos quais Honneth se referia eram grupos subalternos ou excluídos.

O que pode explicar a emergência desse grupo nesse momento particular da história nacional é o desaparecimento do fenômeno que a academia brasileira costumava chamar de "direita envergonhada" (Pierucci, 1987; Zucco Jr, 2011), que ressaltava a tendência dos partidos e políticos, em geral, de se posicionarem mais à esquerda do que realmente eram.

Contudo, acreditamos que a crise político-econômica da década de 2010 abalou a estrutura do pós-redemocratização e diminuiu a capacidade dos dois partidos mais importantes na disputa do Executivo desde 1994, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), de representar as demandas do eleitorado, o que, pelo menos em parte, abriu espaço para a reabilitação da direita. Este abalo não foi solucionado pelo retorno do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da República em 2024, visto a presença, visibilidade e consolidação política da extrema-direita no Brasil e no mundo.

A afirmação de Bolsonaro (feita na live do dia 28/05/2020) possui uma simbologia que pode intrigar os indivíduos que não pertencem, ou, por algum motivo, não conhecem a linguagem e a lógica da extrema-direita, já que não é expressa verbalmente. No Dia do Agricultor, Bolsonaro e seus convidados aparecem no vídeo bebendo leite, sob o "grito de

guerra" de "Selva!"[2]. O copo de leite é um símbolo tradicional de alguns movimentos de supremacistas brancos (vinculados à extrema-direita norte-americana) e que, nesse caso, funciona como uma identificação comum e (em alguma medida) implícita a todos os envolvidos com o ex-presidente. O entendimento dos presentes (ou, pelo menos, de boa parte deles) do que estava acontecendo naquele momento é notório, já que todos riem e se olham, vagamente constrangidos em alguns casos (como o ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães).

A justificativa discursiva implícita aqui é a do reconhecimento solidário, adaptado de Honneth. De forma didática, poderíamos dizer que embora disperso, esse grupo se identificava como de direita durante as duas últimas décadas do século XX e a primeira do século XXI e buscava não se posicionar assim, pelo menos oficialmente, pois sentia vergonha do que os associava à ditadura civil-militar no país (o posicionamento político-ideológico). Contudo, assim que a memória da ditadura começou a ser reabilitada[3] por Bolsonaro e outros, ele se torna um vetor que soma o descontentamento com o momento do país à época e à identidade de direita. O reconhecimento solidário de grupos que se viam como excluídos, ou envergonhados, por seus posicionamentos à direita no pós-redemocratização é feito, então, a partir de Bolsonaro e envolve simbologias que ressaltam o caráter radicalizado do movimento.

Mais dois exemplos são suficientes para que fique nítida a argumentação que defendemos, cujo primeiro é relativo às urnas eletrônicas. Bolsonaro afirma na *live* do dia 02/06/2022, que

> o senhor Fachin se reuniu durante a semana […] com vários embaixadores de outros países, preparando eles para o seguinte: quando aparecer o resultado no final da tarde do primeiro domingo de outubro, que seus países reconheçam imediatamente o resultado das eleições. É bastante curioso isso que ele tá fazendo.

E, em seguida, ilustrando o segundo exemplo, o ex-presidente complementa:

[2] O grito de guerra "Selva!" é comum nas Forças Armadas, utilizado para motivação dos soldados, de acordo com O Globo (Saconi, 2020).

[3] Na votação do *impeachment* da Presidenta Dilma Roussef, em 2016, o ex-presidente homenageia o Coronel Brilhante Ustra na sua declaração de voto. Carlos Alberto Brilhante Ustra (1932-2015), também conhecido como Dr. Tibiriçá, foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna) em São Paulo, um dos órgãos encarregados da repressão a grupos de oposição a ditadura militar. Foi um dos responsáveis pela prática de torturas, perseguições, sequestros e assassinatos durante a ditadura militar (Prudente, 2019).

> À questão de poucos dias, o ministro Fachin também […] disse ter convidado duzentos observadores internacionais para acompanhar as eleições aqui e eu pergunto: pra acompanhar o quê? O que que eles sabem, o que que eles veem dentro da sala secreta - eles têm como saber alguma coisa? Eles têm condições de saber alguma coisa? (OS PINGOS NOS IS, 2022).

Mais uma vez, o que observamos é que as dúvidas que Bolsonaro traz para a integridade do sistema eleitoral brasileiro não são baseadas na realidade, já que nunca foram provadas. Não obstante, é um argumento que mobiliza a extrema-direita, particularmente o núcleo duro do bolsonarismo e, mais ainda, ressalta a narrativa que já vinha desde a campanha eleitoral, que Bolsonaro é um *outsider*. Acima, também apontamos outro fator relevante que aparece nessa última citação, que é o da construção de uma narrativa da conspiração que tentaria retirar o presidente, de qualquer jeito, do poder.

Finalmente, a última citação em que a teoria do reconhecimento de Honneth parece ilustrar a lógica discursiva bolsonarista diz respeito à live do dia 28/05/2020, em que o ex-presidente comenta:

> Tudo que me acusam… é exatamente o contrário! É 'o ditador', 'não respeita mulher', [nesse momento o presidente chama o deputado Hélio Lopes] 'não respeita negro', 'não respeita nordestino' […] Mas tudo que acusam cai por terra […] (TV EXEMPLO, 2020).

Essa fala resume bem a narrativa de Bolsonaro: a negação total de uma acusação contra qualquer aspecto da sua personalidade ou posicionamento político, sem espaço para discussões ou "meios-termos". Essa radicalização de discurso produz dois efeitos simultâneos, mas opostos: primeiramente, o seu "núcleo duro" de apoiadores passa a assumir a narrativa; ao mesmo tempo, entretanto, indivíduos mais críticos dentro do eleitorado de Bolsonaro podem passar a desacreditar da narrativa, já que é pouco provável, e isso vale para qualquer cidadão comum, que a todo momento todos estejam errados perante as afirmações do Presidente.

O ex-presidente não tinha qualquer preocupação com a razoabilidade, que já preparava as condições de um golpe para o caso de não ganhar as eleições, a partir da narrativa de fraude eleitoral, em razão da não confiabilidade das urnas eletrônicas.

Outra consequência importante da ascensão do bolsonarismo é a disseminação do método de argumentação *online* utilizado pelos apoiadores, uma "selvageria" das redes sociais virtuais que Marcos Nobre define como o "partido digital".

Contra isso, Nobre argumenta que "continuamos à espera da promessa do 'contrato social' que irá nos retirar do 'estado de natureza' digital" (2022, p. 205). No mesmo sentido da regulação digital, Cohen e Fung (2021) delimitam alguns requisitos básicos que deveriam regular a dimensão das disputas políticas no ambiente *online*: o primeiro é a verdade; o segundo, a busca pelo bem comum; o terceiro, a civilidade (2021, p. 32). Se a civilidade é artigo em falta de maneira generalizada na internet (como vimos acima, com Marcos Nobre), já que o anonimato atua em favor do despimento dos constrangimentos sociais que favorecem o florescimento dessa virtude, a verdade e a busca pelo bem comum parecem ser valores de segundo escalão na lógica bolsonarista, particularmente.

Duas falas do ex-presidente ilustram este argumento. Na *live* do dia 02/06/2022, Bolsonaro, ao ler o título de uma matéria sobre Alexandre de Moraes e a cassação de registros de candidaturas por conta de *fake news*, comenta:

> O que são *fake news* para o Alexandre de Moraes? Ele vai querer pegar na canetada com vinte candidatos de direita, né, porque da esquerda ele não faz nada […] Se bem que eu particularmente acho não se deve tomar medida nenhuma, é um direito dela [parlamentar citada por Bolsonaro, que não conseguimos identificar quem era] falar […] falar o que vem na cabeça dela, e se eu me achar ofendido, ou você, entra na justiça: calúnia, difamação, etc (OS PINGOS NOS IS, 2022).

Esse artifício discursivo é bastante comum nas *lives* de Bolsonaro: o que busca relativizar a realidade ao ponto de que tudo pode ser posto em dúvida. Na prática, o que o ex-presidente quer dizer é que a realidade é tão subjetiva que é impossível que Alexandre de Moraes consiga, para realizar a cassação de registros das candidaturas, discernir o que é narrativa e o que é fato. A definição de "verdade" usada por Cohen e Fung resolve a dubiedade provocada por Bolsonaro em determinados momentos, quando os autores colocam que não se deve "demonstrar negligência irresponsável pela verdade ou falsidade das colocações feitas" (2021, p. 31, tradução nossa). No caso das urnas eletrônicas, por exemplo, é isso que o ex-presidente faz, apela para boatos e faz com que, por repetição, estes pareçam plausíveis.

Sobre a última frase proferida por Bolsonaro na citação anterior, a dúvida que resta é: como a sociedade funcionaria se a lógica da "judicialização de tudo" se popularizasse? O "bem comum", citado por Cohen e Fung, também é atingido nessa situação. Além disso, retomando Nobre (2022), isso produz o colapso do elemento fundamental do contrato social definido por

John Locke e Jean Jacques Rousseau, de que os cidadãos trocariam os direitos (e o estado) naturais por direitos civis, cujo elemento central é o respeito ao estado de direito.

Outro discurso demonstra, de forma mais evidente, a falta de preocupação do ex-presidente com o bem comum. Na *live* do dia 28/05/2020, Bolsonaro fala sobre uma matéria que diz que Donald Trump (em seu primeiro mandato como presidente dos Estados Unidos) retirou o investimento que o governo norte-americano tinha na regulamentação de mídias sociais e deixou às próprias *big techs* a responsabilidade de controlar o conteúdo em seus sites:

> [nos EUA] é o contrário [do Brasil], tem que tá livre, pô. É a maneira de expressão. Eu já vi memes com o meu nome ali que, pô, eu fico na minha e tal. Quem bota no meu *Facebook*, é direito meu, particular, eu vou banir. O negócio é tão ofensivo né, que mexe com minha família, com certas coisas, eu vou banir. Eu mando pro espaço 20, 30 por dia (TV EXEMPLO, 2020).

Entendemos que o ex-Presidente se opõe ao bem comum na medida em que saúda uma posição de Trump que dá autonomia para as *big techs*, que, por motivos financeiros, costumam enxergar vantagens em favorecer determinados pontos de vista, principalmente os radicalizados, que geram mais engajamento. Essa forma de atuar é evidenciada a partir da programação dos seus algoritmos. Cohen e Fung têm um parecer interessante:

> [uma esfera pública funcional] depende de participantes que estejam preocupados que suas próprias visões de questões políticas fundamentais sejam guiadas por uma concepção razoável do bem comum, em vez de uma concepção que rejeite a colocação dos demais como interlocutores de mesmo nível ou que rebaixe seus interesses (2021, p. 32, tradução nossa).

A incompatibilidade da noção de bem comum nas esferas digitais, para esses autores, com a autorregulação das mídias sociais pelas *big techs*, proposta por Trump e elogiada por Bolsonaro, nos parece ainda mais cristalizada: se as empresas se beneficiam economicamente com mais minutos do usuário utilizando um aplicativo, pois vendem anúncios que dependem de pessoas *online*, então, logicamente, farão o possível para que isso aconteça, incluindo manter perfis radicalizados ativos, como os de neonazistas e simpatizantes, que geram ódio e engajamento.

A pesquisa mostrou com bastante força que, as noções de bem comum e de verdade, como Cohen e Fung (2021) as caracterizam, não são importantes para Bolsonaro, cuja preocupação principal é a manutenção coesa e alerta do seu grupo de apoiadores e eleitores. Bolsonaro não possui incentivos para advogar pelas virtudes da verdade e do bem comum.

Como o que interessa ao ex-presidente é a manutenção da sua liderança política e eleitoral, todos os instrumentos e as opções são colocadas sobre a mesa, mesmo que entre elas estejam a mentira, as *fake news*, os ataques gratuitos. Aliás, é bastante curioso como figuras políticas como Jair Bolsonaro e Donald Trump se parecem no seu *modus operandi*: mentir sempre que necessário, ameaçar e atacar adversários e inimigos sempre, ceder e voltar atrás quando conveniente.

## 4 O "NEGACIONISMO" COMO NARRATIVA

O discurso o ex-presidente Bolsonaro possibilita inúmeras reflexões sobre o sistema político e eleitoral brasileiro, mas também sobre a política e a ética na e da política, conforme nos ensinam Maquiavel (1977) e Weber (2003). Neste sentido, é estimulante analisar a narrativa de Bolsonaro a partir do "negacionismo", termo sob o qual o ex-presidente e a sua gestão foram acusados fortemente, particularmente durante a pandemia da Covid-19, quando escalaram muitos conflitos entre o governo federal, cientistas, universidades e instituições de pesquisa.

A ideia da negação, de onde vem o negacionismo, existe desde sempre e ganha relevância retórica entre os sofistas gregos que combatiam a verdade dos filósofos com discursos empolgantes, mas nem sempre verdadeiros. Em todas as guerras a negação, assim como a tentativa de enganar e a mentira, é utilizada para delimitar ou construir o inimigo e seus aliados, que devem ser aniquilados. Talvez, a primeira vez que a negação, a enganação e a mentira receberam um verniz sofisticado foi aquela produzida pelo ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, para quem "uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade".

Na década de 1970 emerge a ideia do negacionismo ambiental, cujo objetivo era esconder ou negar a poluição, a degradação e a destruição da natureza com um discurso de defesa dos negócios poluentes, em detrimento da ameaça do aquecimento e do efeito estufa. Com o advento dos "algoritmos" das redes virtuais (*Facebook, Instagram, Telegram, "X"* etc.), distribuem-se fartamente as *fake news*, face mais contemporânea da negação, enganação e mentira, cujas primeiras movimentações se deram nas discussões sobre o *Brexit*, ou seja, nos debates que antecederam a votação popular sobre a saída do Reino Unido da União Europeia. Os defensores da saída contrataram especialistas e direcionaram as redes sociais virtuais para este fim.

A partir daí, as *fake news*, mentiras, negações, enganações normalmente presentes em disputas de grupos de interesse, grupos de pressão, eleições, conflitos internacionais e, até mesmo em guerras, ganharão uma escala nunca antes vista, já que podem atingir muito rapidamente toda a população planetária conectada. Nosso argumento aqui é que a escalada das *fake news*, mentiras, negações, enganações redundam no que definimos neste trabalho como negacionismo.

É claro que poderíamos resgatar o debate epistemológico secular sobre a possibilidade, limite e existência da verdade que surge com os filósofos pré-socráticos, passam por Sócrates, Platão, Aristóteles, Parmênides e Heráclito, atravessam a filosofia medieval, o idealismo e o materialismo filosófico, e chega a nossos dias, contudo, isso seria demasiado maçante e insuficiente, e, para este trabalho, desnecessário.

Para o que nos interessa, definimos o negacionismo como a narrativa que nega, engana e mente, rejeitando fatos, fenômenos, descobertas científicas, registros e evidências históricas, utilizando-o como capital (ou arma) ideológica e/ou política em um conflito pelo poder (eleição, disputa, guerra), com o objetivo de desacreditar, deslegitimar, vencer e, muitas vezes, aniquilar o adversário ou inimigo.

Este conceito nos ajuda a compreender o *modus operandi* discursivo do ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores, cujo negacionismo pode ser encontrado em vários de seus discursos. A primeira fala do ex-Presidente nesse sentido ocorre na *live* do dia 28/05/2020, em que Bolsonaro discorre sobre as notificações de mortes por Covid-19:

> […] aquela pessoa por exemplo que tem ‘n’ doenças, tá certo? E de repente adquire o vírus ali no próprio hospital, já tava entubada… E daí, no meu entender, para buscar mais recursos ou potencializar os malefícios do vírus, né, alguns secretários acabam colocando lá como se fosse do vírus […] em alguns locais não foi tratado à sério isso. Mas tem uma televisão aí, que um dia eu falei que é a ‘TV Funerária’, ela quer quanto mais recordes bater pro alto melhor […] (TV EXEMPLO, 2020).

Uma série de argumentos que o ex-presidente utiliza são interessantes para entender como, politicamente, era feito o uso da pandemia para atacar seus adversários, como o exemplo da “TV Funerária” (nesse caso, a Rede Globo).

Não obstante, o que a ciência demonstrou é que o que havia era uma subnotificação de óbitos, o oposto do que propagava o ex-presidente. França *et al*. (2022) demonstraram que, no Brasil, havia uma subnotificação de cerca de 18% nas mortes por Covid-19. Isso monstra que

o embasamento de Bolsonaro era enganoso ou falso, contudo, sustentava todas as suas premissas argumentativas. Embora inverídicas, essas premissas serviam para atacar as instituições, como os estados que notificavam mais mortes por Covid-19, ou políticas públicas de combate ao vírus, como o isolamento social.

Outro exemplo importante, no mesmo sentido, envolve a prescrição da hidroxicloroquina, um remédio para doenças tropicais - como malária -, que Bolsonaro insistia em indicar para que os médicos prescrevessem para o tratamento do Covid-19. Na live do dia 25/03/2021, o ex-presidente critica o "protocolo Mandetta":

> O protocolo dele [Luiz Henrique Mandetta, ex-ministro da Saúde] era o seguinte: 'fique em casa, quando sentir falta de ar, vá para o hospital'. E eu questionei […] ele: 'vai para o hospital fazer o quê?' 'pra ser entubado'. Então essa política, no meu entender, não é certa, o que deve acontecer em um primeiro momento, quem sentir qualquer sintoma que possa ser Covid-19 procure uma Unidade Básica de Saúde, um hospital, e converse com seu médico para ver o que ele vai receitar para você. […] Não existe medicamento pra isso, mas o médico tem alternativas e pode salvar sua vida com essa alternativa. Então o "atendimento imediato" [hidroxicloroquina] é bem-vindo e necessário (Bolsonaro, 2021).

Bolsonaro sabia da não comprovação da eficácia da hidroxicloroquina/cloroquina e, mesmo assim, recomenda que o cidadão procure um médico que a receite. Importante registrar que Bolsonaro não é médico, enfermeiro, dentista ou fisioterapeuta e, portanto, não pode, por força de lei, indicar qualquer tratamento para qualquer enfermidade.

Noutra frente, o discurso de Bolsonaro atacava instituições do próprio governo federal, como as universidades federais e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). O ex-presidente tinha por costume, nas *lives* desse período, dizer que "entre eu e a vacina existe a Anvisa […] daqui a pouco começa a chegar coisa, não sabe fabricado onde e distribuindo para a população" (Bolsonaro, 2021). Falas como essas foram corriqueiras, demonstrando um receio com a vacinação e a recomendação de uso de remédios de eficácia não comprovada. Contrário a isso, Pradelle *et al*. (2024) provaram que cerca de 17 mil vidas foram perdidas por conta da administração de hidroxicloroquina para combater a Covid-19.

Segundo por Marcos Nobre,

> O negacionismo bolsonarista pretende dispor da 'autêntica ciência', da 'verdadeira objetividade factual', da 'boa política', e assim por diante. Os negacionismos de Bolsonaro não se voltam contra essas instituições enquanto tais, mas contra uma suposta perversão delas (2002, p. 179).

Esse argumento é particularmente pertinente quando Bolsonaro avalia a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF). Na *live* do dia 28/05/2020, o ex-presidente discute as possibilidades que enxerga para as duas indicações a que teria direito para o STF:

> […] um [dos indicados] vai ser evangélico. […] Alguns criticam, aí, 'ah, tá confundindo aí com religião', não tem nada a ver né? […] O elemento é católico, é cristão, é evangélico, é espírita, candomblecista, é ateu, não interessa, tá certo? Ele tem que ter conhecimento […] Agora, uma pitada de religiosidade, né, de cristianismo, no meu entender é muito bem-vinda. Tem pauta lá que faltou, no meu entender, algum ministro defender à luz da sua crença, não é? (TV EXEMPLO, 2020).

Assim, a perversão da noção de uma justiça que, em convergência com os demais assuntos de Estado, deve ser laica, aparece aqui com a normalização do argumento e sua transformação em uma indicação política. Por óbvio, Bolsonaro não indica nesta fala que sua argumentação é política, pois precisa se retratar como um *outsider,* mas faz uso da linguagem religiosa dentro de termos políticos, ao dizer, essencialmente, que "faltou crença" para os ministros do STF. Segundo a lógica de Nobre (2022), Bolsonaro tentaria ressignificar as instituições, o que sempre viria acompanhado de intenções de ganho político-ideológico. No caso do STF, por exemplo, por trás da descredibilização do órgão feita constantemente pelo ex-presidente, havia o entendimento, que ficou mais evidente ainda após a invasão do "8 de janeiro de 2024"[4], de que essa seria a última barreira que impediria Bolsonaro de se perpetuar no poder.

Isto também vale para as citações anteriores, já que Bolsonaro utilizava a argumentação de que havia inflacionamento das mortes por Covid-19, com o intuito de atacar os meios de comunicação, que estariam lhe perseguindo. Da mesma forma, o negacionismo quanto ao funcionamento da vacina, em coadunação com a insistente busca por remédios que poderiam tratar da doença, parecia ocorrer no sentido de descredibilizar a ciência, de forma mais generalizada.

A epistemologia simbólica do "núcleo duro" de Bolsonaro sempre foi bastante permeada por teorias da conspiração, como as dos "malefícios" da vacina, e que eram, até então, mais comumente vistas entre os republicanos, nos Estados Unidos. Colocar a vacinação em

[4] No dia 08 de janeiro de 2024, uma turba de bolsonaristas contrários à derrota de Jair Bolsonaro para Luiz Inácio Lula da Silva, e a posse deste, invadiu, depredou e quase destruiu a Praça do Três Poderes na capital federal, em Brasília. As sedes do Congresso Nacional, da Presidência da República e do Supremos Tribunal Federal (STF) foram depredadas. Atualmente, parte desses invasores e destruidores foi julgada e cumpre pena, e parte está sendo processada judicialmente.

cheque funciona em duas frentes, portanto: põe em dúvida a credibilidade da comunidade científica, por um lado, enquanto, por outro lado, dissemina para mais pessoas partes da epistemologia simbólica bolsonarista - que envolve teorias da conspiração sobre as vacinas, por exemplo -, que tenta justificar, eventualmente, porque ele é perseguido e, consequentemente, deve ser "especial" ou "o escolhido". A noção de liberdade negativa, de Berlin, trazida no começo do texto, também ressurge nessa argumentação, como uma das justificativas do ex-presidente para a não-vacinação, sendo a "liberdade" que cada um tem em escolher ser imunizado ou não.

Outra fala interessante de Bolsonaro ocorre na live do dia 02/06/2022, quando o ex-presidente comenta o seguinte:

> Recebi vários vídeos, recebi telefonemas que o cara ia lá apertar o 17 e aparecia o 13 [nas eleições presidenciais de 2018], ninguém falava o contrário - que quando ia apertar o 13 saía o 17 - ninguém! Então uma coisa que aconteceu em larga escala, né, o TSE não se explicou no tocante a isso […] (OS PINGOS NOS IS, 2022).

Nesse trecho, Bolsonaro faz referência a essa situação ao discutir a cassação, e posterior restituição, do mandato de um deputado federal aliado seu (Felipe Francischini), para argumentar que o STF havia "perseguido" esse indivíduo por trazer questões sobre a segurança das urnas eletrônicas. Novamente, aparece a noção da contestação não do STF (ou do TSE - Tribunal Superior Eleitoral -, nesse caso) como instituição, visto que Bolsonaro, inclusive, indicou dois ministros para essa casa.

Assim, a conceituação que Nobre (2022) faz da natureza do negacionismo parece se sustentar na análise de discursos do ex-presidente em seus pronunciamentos. O *modus operandi* de Bolsonaro consistia em produzir o descrédito constante das instituições (como STF, canais de televisão e jornais impressos, eleições, TSE e outros) visando atacar os atores envolvidos.

O objetivo de Bolsonaro com esse tipo de argumentação é semear a dúvida, negando a validade dos valores e ações dos atores dentro das instituições políticas. Por sua vez, essas instituições seriam valorosas e teriam o potencial de fazer o bem, caso fossem comandadas por atores políticos vinculados a ele mesmo. O resultado desse argumento é mostrar que ele, Bolsonaro, é um democrata, porém *outsider*. A resolução desse problema, de legitimidade, dos sujeitos que estão em cargos que atrapalham o "progresso" ou a "liberdade" é, portanto, a

continuação da "cruzada" em que o ex-presidente parece se colocar o tempo inteiro, como *outsider*, seja via eleições ou, já que estas estariam corrompidas, via intervenção do exército.

Assim, Bolsonaro poderia "extirpar" de determinados espaços os indivíduos que fazem parte do "sistema" que ele tenta destruir. Outra possibilidade importante que essa lógica argumentativa traz é a de que essa "batalha" de fora para dentro do sistema, que seria travada pelo ex-presidente, nunca precisaria ser vencida de fato. Isso funcionaria a favor do bolsonarismo, já que aliados de outra hora poderiam, por exemplo, caso deixassem de apoiar politicamente Bolsonaro, se tornar parte do que deve ser combatido, e esse estado de constante conflito funcionaria para a distração de problemas internos do movimento. Eventualmente, com apoio suficiente, Bolsonaro poderia argumentar, também, que as instituições em si são falhas e que teria suporte para uma modificação do aparato democrático.

O que fica claro é que Bolsonaro utiliza um posicionamento político negacionista de forma instrumental para manter coesa e estimulada a base político-eleitoral da extrema direita. Essa instrumentalização do negacionismo funciona de forma análoga ao cinismo político (Dutra, Sanchez e Pase, 2024), onde a mensagem comunicada não é nem verdadeira e nem responsável, ela é a possível para manter um equilíbrio entre o limite da tolerância institucional e o desejo da base eleitoral.

O negacionismo é o conceito que define o *habitus* bolsonarista, uma categoria estrutural e estruturante do discurso e do comportamento do ex-presidente quando, por exemplo, aceita destinar parte importante do orçamento federal, através das emendas parlamentares, para ser administrado pelo legislativo, instituindo praticamente uma estrutura paralela ao Executivo. Ou seja, Bolsonaro nega a institucionalidade que alega não funcionar, a burocracia estatal, os servidores e as instituições públicas, ao mesmo tempo que articula alternativas sempre com o objetivo de agradar parlamentares de sua base política, que, por sua vez, irão manter os seus respectivos redutos eleitorais, colaborando com a construção, coesão e alerta da base de apoio eleitoral. Ou seja, o negacionismo bolsonarista ajuda na ampliação do neoclientelismo brasileiro, o que Pase (2012) chamou de clientelismo institucional.

Outro exemplo é a negação da segurança da urna eletrônica, tese que manteve a base eleitoral de Bolsonaro sempre atenta a uma possível ruptura institucional, ou a uma

"intervenção constitucional das forças armadas", solução desejada por alguns bolsonaristas mais cínicos e/ou ignorantes.

Ao mesmo tempo, esse negacionismo tem efeitos práticos cotidianos, como o exemplo do desestímulo das medidas de contenção da Covid-19 recomendadas pela ciência, pelas universidades, pela ANVISA e pelo Ministério da Saúde. Vários foram os enfrentamentos entre o governo federal e as universidades e institutos federais, tentando deslegitimá-las enquanto instituições de excelência, alegando que a ciência produzida seria pouco útil ao progresso e à liberdade. São notórias as disputas entre o ministro da educação, Abraham Weintraub, e reitores, professores e pesquisadores das universidades e institutos federais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andrew Arato (2013) destaca os perigos que a "teologia política", ao posicionar o indivíduo como receptor da capacidade, sagrada, de determinada classe ou povo, ao substituir figuras como Deus ou o Papa, o que ocorre com o englobamento de lógicas argumentativas originalmente trazidas da religião para dentro da política. O principal problema seria que o indivíduo não conseguiria incorporar a figura teológica, pois, ao contrário de seres religiosos, o ser humano não é perfeito, ou mesmo sobrenatural (Arato, 2013, p. 167).

Arato nos ajuda a compreender que o negacionismo de Bolsonaro pode ser destrutivo em um sentido parecido, já que, argumenta, que as instituições democráticas seriam falhas por conta dos atores que as ocupam, ao passo que ele próprio seria perseguido. Nesse sentido, Bolsonaro se apresenta como o único político confiável, exatamente por se autodefinir como *outsider*, o que exige apoio e suporte incondicional de seu eleitorado para que possa fazer uma "limpeza institucional".

A radicalização promovida pelo discurso de Bolsonaro foi bem-sucedida ao remodelar o debate popular, empurrando-o, de certa maneira, à direita, ainda que tenha sido derrotado nas eleições de 2022. Seguramente, o legado mais importante do ex-presidente é representar o final da "síndrome da direita envergonhada", em "vigor" desde o final do regime civil-militar, e a "reativação da direita no Brasil" (Singer, A. 2021).

O artigo demonstra que é bastante promissora a hipótese de que o negacionismo é uma categoria geral e estruturante no discurso político de Bolsonaro, pois está presente na

comunicação e no comportamento do ex-presidente, cuja institucionalidade ele questiona no limite da tolerância institucional e da expectativa da sua base eleitoral. Não obstante, resta realizar um estudo mais aprofundado, avaliando diretamente com os consumidores das narrativas de Bolsonaro, se o ex-presidente utiliza esse posicionamento político negacionista de forma instrumental para manter coesa e estimulada a base político eleitoral da extrema direita.

Resta uma densa agenda de pesquisa sobre reativação da extrema direita no Brasil e seu papel na consolidação, ou não, da democracia. Além disso, vários outros temas emergem como problemas teóricos para a ciência política, tais como os novos formatos de interação política entre eleitores e eleitos. Até que ponto essas interações são republicanas e qual o limite do neoclientelismo? Temas para outros *papers*!

## REFERÊNCIAS

ABRAJI, [S. l.], 2020. **Veículos de imprensa suspendem cobertura presidencial na porta do Alvorada**. Disponível em: https://www.abraji.org.br/noticias/veiculosde-imprensa-suspendem-cobertura-presidencial-na-porta-do-alvorada. Acesso em: 10/09/2024.

ARATO, Andrew. 2013. "Political Theology and Populism". **Social Research**, [s. l.], v. 80, n. 1, p. 143–172. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24385712. Acesso em: 19/09/2024.

BARDIN, Laurence. 1977. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

BERLIN, Isaiah. 1981. **Quatro ensaios sobre liberdade**. Brasília: UnB. p. 133-170.

BEZERRA, Lívia. 2026. **Laudo revela esquizofrenia de Adélio Bispo e recomenda internação em hospital psiquiátrico**. Disponível em: https://midiamax.com.br/policia/2026/laudo-revela-esquizofrenia-adelio-bispo-recomenda-internacao-hospital-psiquiatrico/. Acesso em: 27/01/26.

BOLSONARO, Jair. 2019. Live de quinta-feira (02/05/2019) com o Presidente Bolsonaro abordando alguns assuntos da semana. **YouTube**, 2 de maio de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HkctbYCskw8 (Acesso em: 12/09/2024).

BOLSONARO, Jair. 2021. Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro - 25/03/2021. **YouTube**, 25 de março de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aVoUcX4wLwU. Acesso em: 12/09/2024.

COHEN, Joshua; FUNG, Archon. 2020. “Democracy and the Digital Public Sphere.” In: BERNHOLTZ, Lucy; LANDEMORE, Hélène; REICH, Rob (Eds.). **Digital technology and democratic theory**. Chicago: The University of Chicago Press. p. 23-61.

DUTRA, Adriana; SANCHEZ, Celso Pereira; PASE, Hemerson Luiz. 2024. “Ente o óleo e a lama: a apropriação discursiva da noção de risco ambiental no Brasil”. **O Social em Questão**, v. 2, p. 65-88. Acesso em 28/01/2026.

FRANÇA, Elisabeth B. et al. 2022. “Measuring misclassification of Covid-19 as garbage codes: Results of investigating 1,365 deaths and implications for vital statistics in Brazil”. **Plos Global Public Health**, [s. l.]. Disponível em: https://journals.plos.org/globalpublichealth/article?id=10.1371/journal.pgph.0000199. Acesso em: 16/09/2024.

HONNETH, Axel. 2003. **Luta por reconhecimento:** A gramática moral dos conflitos sociais. 1. ed. São Paulo: Editora 34.

“INQUÉRITO da PF conclui, novamente, que Adélio Bispo agiu sozinho ao atacar Bolsonaro”. 2024. **Carta Capital**, [S. l.], 2024. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/inquerito-da-pf-conclui-novamente-que-adelio-bispoagiu-sozinho-ao-atacar-bolsonaro/. Acesso em: 19/09/2024.

MAQUIAVEL, Nicolau. 1977. **O Príncipe**. São Paulo: Cultrix / Círculo do Livro.

MARINHO, Kamila. 2020. “Especialistas afirmam que não há evidência de eficácia do uso da cloroquina no tratamento da Covid-19”. In: **Blog coronavírus**. 2020. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/coronavirus/blog/especialistas-afirmam-que-nao-ha-evidenciade-eficacia-do-uso-da-cloroquina-no-tratamento-da-covid-19/. Acesso em: 13/10/2024.

NOBRE, Marcos. 2022. **Limites da Democracia:** de Junho de 2013 ao governo Bolsonaro. 1. ed. São Paulo: Todavia.

OS PINGOS NOS IS. 2022. Íntegra da live de Jair de Bolsonaro de 02/06/22: A retomada da economia. **YouTube**, 2 de junho de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kt3oO7f2pl4. Acesso em: 12/09/2024.

PASE, Hemerson Luiz; MULLER, Matheus; MORAIS, Jennifer A. O clientelismo nos pequenos municípios brasileiros. **Pensamento Plural**. Pelotas. v. 5, n. 10. Janeiro-Junho de 2012, p. 181-199.

PASE, Hemerson Luiz; PATELLA, Ana Paula Dupuy. 2021. “Cultura política e a eleição de Bolsonaro”, *In*: Cremonese, Dejalma (Orgs.). **Democracia e crise política no Brasil (2013-2020)**. Curitiba: Appris, p. 163-179.

PEREIRA, Daniel; MATTOS, Marcela; BORGES, Laryssa. 1987. "A mais recente teoria da conspiração criada por Bolsonaro". **Veja**, [S. l.], 2020. Disponível em: https://veja.abril.com.br/politica/a-mais-recente-teoria-da-conspiracao-criada-por-bolsonaro. Acesso em: 19/09/2024.

PIERUCCI, Antônio Flávio. 1987. "As bases da nova direita". **Novos Estudos**, [s. l.], v. 19, p. 26-45. Disponível em: https://arquivo.ibccrim.org.br/docs/saopaulo2014/bases.pdf. Acesso em: 3/10/2024.

PORTO, Douglas. 2022. "Tradicional cercadinho de Bolsonaro no Palácio da Alvorada é desmontado". **CNN Brasil,** [S. l.]. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tradicionalcercadinho-de-bolsonaro-no-palacio-da-alvorada-e-desmontado/. Acesso em: 10/09/2024.

PRADELLE, Alexiane et al. 2024. Deaths induced by compassionate use of hydroxychloroquine during the first COVID-19 wave: an estimate. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, [s. l.], v. 171. Disponível em: https://infomed.sn/wp-content/uploads/2024/01/DecesHydroxychloroquine-Covid.pdf. Acesso em: 16/09/2024.

PRUDENTE, Neemias. (2019). "Quem é Coronel Ustra, herói de Bolsonaro?". **Jusbrasil**. 14/08/2019. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/quem-e-coronel-ustra-heroi-de-bolsonaro/743884519. Acesso em: 27/01/2026.

SACONI, João Paulo. 2020. "Entenda: por que o copo de leite na live de Bolsonaro provocou controvérsia". **O Globo**, [S. l.] Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escutadas-redes/post/entenda-por-que-o-copo-de-leite-na-live-de-bolsonaro-provocoucontroversia.html. Acesso em: 08/10/2024.

SINGER, André. Reativação da direita no Brasil. **Opinião Pública**. N. 27, V. 3. Setembro-Dezembro, 2021.

TV EXEMPLO. 2020. Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro (28/05/2020. **YouTube**, 28 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4f5f8-T3yAM. Acesso em: 12/09/2024.

WEBER, Max. 2003. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix.

ZUCCO JR, Cesar. 2011. O **Congresso por ele mesmo: autopercepções da classe política brasileira.** Belo Horizonte: Editora UFMG. Disponível em: https://professor.fgv.br/sites/default/files/users/user62/ChapterEsquerdaDireitaeGoverno_.pdf. Acesso em: 3/10/2024.